

Evangelho de domingo: o poema do amor divino

Comentário ao Evangelho do 4º domingo do Tempo Comum (Ano A). “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. Com Cristo, ganhamos a força para transformar o sofrimento em amor redentor.

Evangelho (Mt 5,1-12a)

Naquele tempo, vendo Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-se.

Os discípulos aproximaram-se, e Jesus começou a ensiná-los:

Bem-aventurados os pobres em espírito,

porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os aflitos,

porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos,

porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,

porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos,

porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração,

porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz,

porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos

por causa da justiça,

porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem

e perseguirem, e mentindo,

disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de mim.

Alegrai-vos e exultai,

porque será grande a vossa recompensa nos céus.

Comentário

O Evangelho deste domingo retoma uma das passagens mais surpreendentes e nucleares da

pregação de Jesus: as bem-aventuranças, que, com a sua linguagem paradoxal, são um ensinamento sobre a verdadeira felicidade que todos os homens procuram. São Josemaria definiu-as como “um poema de amor divino”^[1]. De fato, como explica o Papa Francisco, “as bem-aventuranças são o retrato de Jesus, o seu modo de vida; e são o caminho para a verdadeira felicidade, que também nós podemos percorrer com a graça que Jesus nos dá”^[2]. Mateus mostra-nos o Mestre no monte, pregando com autoridade e majestade. Misturados na multidão, hoje podemos sentir as suas palavras dirigidas a nós.

“Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. Quando um cristão procura imitar o Mestre, “ele experimenta a relação interior entre a cruz e a ressurreição”^[3], como explicava Bento XVI. Com Cristo,

adquirimos a força para transformar o sofrimento em amor redentor.

Temos então a mesma alegria que o Senhor experimentou na sua Paixão, porque com ela alcançou o dom do Espírito Santo e abriu para nós as portas do Céu. Com esta esperança e consolo, o cristão é consolo para os outros; “ele pode ousar participar no sofrimento dos outros e já não fugir de situações dolorosas”^[4], diz-nos o Papa Francisco.

“Bem-aventurados os pobres em espírito”. A pobreza não é opcional na vida de um cristão: sem ela, não somos discípulos nem felizes. Todos temos que viver esta virtude, como o Mestre. E para encarnar a pobreza no meio do mundo, São Josemaria recomendava: “Aconselho-te a ser parco contigo mesmo e muito generoso com os outros. Evita os gastos supérfluos por luxo, por veleidade, por vaidade, por comodismo...; não cries

necessidades”^[5]. Imersos em um clima geral de consumismo, é necessário rever frequentemente se estamos desprendidos das coisas que usamos; se vivemos sem pesos a fim de seguir Jesus de perto e começar a possuir “o Reino de Deus”. Se vivermos a virtude da pobreza, saberemos também cuidar generosamente dos outros e especialmente dos pobres e dos necessitados, a quem nunca olharemos com indiferença.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. Na opulência dos ricos e fartos não há lugar para Deus e os outros. Por outro lado, aqueles que vivem sóbria e temperadamente começam a ser “saciados” por Deus. Trata-se de apreciar os bens terrenos com gratidão, mas de uma forma que nos leva a desejar os bens espirituais. Esta bem-aventurança também nos convida a trabalhar confiando na providência: enquanto procuramos

ganhar o sustento necessário de modo justo, conservamos a serenidade perante possíveis dificuldades, porque Deus nunca abandona os seus filhos.

Finalmente, “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo tipo de mal contra vós”. A nossa coerência como cristãos pode chocar ou incomodar os outros. Mas devemos ter a coragem de refletir através da nossa conduta íntegra o rosto bondoso de Jesus que todas as pessoas procuram. Nisto, podemos seguir o conselho de São Pedro aos primeiros cristãos: “14se tiverdes que sofrer por causa da justiça, sereis felizes. Não tenhais medo de suas intimidações, nem vos deixeis perturbar. Antes, santificai em vossos corações o Senhor Jesus Cristo, e estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pedir. Fazei-o,

porém, com mansidão e respeito e com boa consciência. Então, se em alguma coisa fordes difamados, ficarão com vergonha aqueles que ultrajam o vosso bom procedimento em Cristo” (1Pd 3, 14-18). Em suma, e ao contrário do que pode parecer, a nossa felicidade não reside na posse ilimitada de bens. Também não reside em obter a aprovação de outros a todo o custo. A felicidade reside antes na identificação com Cristo.

^[1] São Josemaria, Notas de uma meditação, 25-XII-1972, (AGP, P09, p. 186), citação publicada em E. Burkhart e J. López, *Vida cotidiana y santidad. 3: En la enseñanza de San Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, 125.

^[2] Francisco, Audiência 06/08/2014.

^[3] Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 100

[4] Francisco, Gaudete et exultate, n. 76.

[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 123

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/gospel/4o-domingo-
do-tempo-comum-ano-a-bem-
aventurados/](https://opusdei.org/pt-br/gospel/4o-domingo-do-tempo-comum-ano-a-bem-aventurados/) (12/02/2026)